

John Harris

The Dark *Side* of the Moon

Os bastidores da obra-prima do Pink Floyd

Tradução:
Roberto Muggiati

Jorge ZAHAR Editor
Rio de Janeiro

Para Hywel, que estava certo.

Título original:

The Dark Side of the Moon

(The Making of the Pink Floyd Masterpiece)

Tradução autorizada da primeira edição norte-americana,
publicada em 2005 por Da Capo Press, membro de
Perseus Book Group, de Cambridge, EUA.

Copyright © 2005, John Harris

Copyright da edição brasileira © 2006:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua México 31 sobreloja

20031-144 Rio de Janeiro, RJ

tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800

e-mail: jze@zahar.com.br

site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Preparação de texto: Luís Valdetaro

Projeto gráfico e composição: Mari Taboada

Capa: Sérgio Campante

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

H26d Harris, John, 1969-
The Dark Side of the Moon: os bastidores da obra-prima do Pink
Floyd / John Harris; tradução Roberto Muggiati. — Rio de Janeiro: Jorge
Zahar Ed., 2006.

il.

Tradução: The Dark Side of the Moon: (The making of the Pink Floyd
masterpiece)

Apêndice: Nós e eles: a vida depois de The Dark Side of the Moon

Inclui bibliografia

ISBN 85-7110-960-5

1. Pink Floyd (Grupo musical). The Dark Side of the Moon. 2. Rock
— História e crítica. I. Título.

CDD 784.54

CDU 78.067.26

06-3810

SUMÁRIO

- Prólogo: Janeiro de 2003 ■ 7
1. O lunático está na minha cabeça:
Syd Barrett e a gênese do Pink Floyd ■ 19
 2. À espera, em calmo desespero:
Roger Waters e Pink Floyd, estágio II ■ 53
 3. E se a sua banda começa a tocar em tons diferentes:
The Dark Side of the Moon nasce ■ 85
 4. Em frente, ele gritou lá de trás:
Rumo a Abbey Road ■ 117
 5. Equilibrado na maior onda:
Dark Side, fase três ■ 149
 6. Quando enfim o trabalho está pronto:
The Dark Side of the Moon decola ■ 181
- Apêndice
- Nós e eles: a vida depois de *The Dark Side of the Moon* ■ 201
- Fontes e referências bibliográficas ■ 210
- Agradecimentos ■ 213
- Créditos das imagens ■ 214
- Índice remissivo ■ 215

PRÓLOGO: Janeiro de 2003

“NÃO SINTO FALTA DE DAVE, para ser sincero com você”, disse Roger Waters com a voz pipocando numa linha telefônica transatlântica bastante temperamental. “Nem um pouco. Não acho que temos o suficiente em comum para que valha a pena reacender qualquer coisa entre nós. Mas seria bom se pudéssemos tocar os negócios sem muitos ressentimentos. Quanto menor a animosidade, melhor.”

Ele falava dos estúdios Compass Point, o suntuoso centro de gravações nas Bahamas impossível de se descrever, cujo livro de hóspedes está repleto de assinaturas de músicos veteranos e de grande sucesso comercial: Rolling Stones, Paul McCartney, Eric Clapton, Joe Cocker. Waters estava ali temporariamente para dar a palavra final sobre uma invenção com a qual aquela geração de músicos começava a se familiarizar: o remix 5.1 com som *surround*, uma daquelas inovações que

fazem com que a indústria musical convença milhões de pessoas a comprar de novo os álbuns que já possuem.

Não importa que *The Dark Side of the Moon* já tivesse sido aprimorado na ocasião de seu vigésimo aniversário, em 1993; haviam feito outra mixagem, e o álbum estava pronto para ser embalado com novas ilustrações e lançado outra vez. A “Edição Superaudio CD de 30º Aniversário” apareceria dois meses depois, apoiada numa efusão de nostalgia e dados estatísticos que há muito fazem parte da lenda de seus autores.

O fato de estar rodeado de clichês pouco importava; as façanhas comerciais de *Dark Side* ainda eram espantosas. Nas três décadas que sucederam seu lançamento, o disco teve cerca de 30 milhões de unidades vendidas no mundo todo. Em sua primeira incursão nas listas de álbuns mais vendidos dos Estados Unidos, permaneceu por nada mais que 724 semanas. No país natal da banda, estimava-se que uma em cada cinco residências possuía o álbum. Num contexto global, como a revista britânica *Q* declarou, com tantas cópias vendidas, era “virtualmente impossível que se passe um minuto sem que *Dark Side* toque em algum lugar do planeta”.

Naquela tarde no Compass Point, Waters dedicou algumas horas a refletir sobre a criação do álbum e sua persistência, aparentemente eterna. “Suspeito de que parte da razão pela qual o disco ainda está aí sejam as sucessivas gerações de adolescentes que parecem querer sair e comprar *The Dark Side of the Moon* enquanto seus hormônios principiam a ferver nas veias, e eles começam a se rebelar contra o *status quo*”, disse Waters.

Indagado sobre o que o disco dizia a cada safra de novos convertidos, não perdeu tempo: “Acho que diz: ‘É legal se ocupar da difícil tarefa de descobrir sua própria identidade. E é bom pensar por si mesmo.’”

Como explicou, *Dark Side* apresentava temas universais, como morte, insanidade, opulência, pobreza, guerra e paz. O disco também tinha vestígios de elementos autobiográficos que se referiam à criação de Waters, à morte de seu pai na Segunda Guerra Mundial

e ao destino que acometeu Syd Barrett, o ocasionalmente criativo líder do Pink Floyd que sucumbiu a problemas mentais e deixou seus colegas atordoados em 1968. O que amarrava tudo isso, diz Waters, era a idéia de que a disfunção, a loucura e os conflitos poderiam ser reduzidos quando as pessoas redescobriam a única característica fundamental que tinham em comum: “O potencial que os seres humanos possuem para reconhecer a humanidade do outro, e sua resposta a isso, com empatia, e não antipatia.”

Nesse contexto, não havia traço de ironia sobre os termos com que descreveu o lugar do álbum na carreira do Pink Floyd. Na visão de Waters, as já mencionadas estatísticas ocultavam a história faustiana da banda, que com *Dark Side* finalmente alcançou seus objetivos, mas também deu início ao longo processo de separação. “Nos apegamos uns aos outros por muitos anos depois, principalmente por medo do que poderia estar além, e também por relutarmos em matar a galinha dos ovos de ouro”, disse ele. “Mas depois do disco nunca mais houve a mesma unidade de propósitos. Trabalhar juntos lentamente se tornou menos agradável e mais um veículo para minhas idéias. Tinha pouco a ver com os outros, até isso se tornar insustentável.”

Nas palavras de Rick Wright, à época em que *Dark Side* foi composto, “parecia que toda a banda trabalhava unida. Foi um período criativo. Estávamos todos muito *abertos*”. Depois disso, Waters se tornou tão autoritário que a possibilidade de qualquer esforço conjunto foi se encerrando aos poucos.

Naturalmente, podia-se notar isso na música. A personalidade coletiva da banda em *Dark Side* é atenuada – qualidade incorporada na delicada combinação vocal de Wright e David Gilmour –, e a maioria dos sentimentos expressos é intencionalmente universal: dentro do mar de pronomes pessoais das letras de Waters, nenhum aparece tanto quanto “você”. Porém, do álbum *Wish You Were Here*, de 1975, em diante, Waters repetidamente desafogou as inquietações bem específicas de uma estrela do rock cada vez mais conturbada. Sublinhando a mudança a

partir do álbum seguinte do Pink Floyd, o bilioso *Animals*, de 1977, os vocais de Gilmour foram empurrados para o fundo, enquanto as inconfundíveis lamúrias de Waters se tornaram a assinatura da banda.

Tudo isso chegou a uma conclusão em *The Wall*, o espetacular ciclo de canções que se tornaram o confissãoário e o show de 1979, que, ao menos em termos financeiros, realizou proezas que nem mesmo *Dark Side* havia alcançado. Para alguns, o maior feito de *Dark Side* é “Us and Them”, um lamento pela eterna tendência da raça humana a se dividir em facções opostas. Com o lançamento deste então novo projeto, que Waters ainda acredita estar no mesmo nível dos melhores trabalhos da banda (“Acho *The Wall* tão bom quanto *The Dark Side of the Moon* – estes são os dois grandes álbuns que fizemos juntos”), a música do Pink Floyd sugeria o seguinte: Roger Waters *versus* o resto do mundo.

Enquanto *Dark Side* destilava uma tocante generosidade de espírito, *The Wall* era amargamente misantrópico. O primeiro combinava a melancolia com indícios de um otimismo redentor, o último parecia incessantemente depressivo. E se o modelo de 1973 do Pink Floyd tinha sido um esforço coletivo genuíno, em 1979, Gilmour, Wright e Nick Mason não passavam de meros assistentes (de fato, Wright foi demitido durante as sessões de *The Wall*). Tudo chegou ao ápice com *The Final Cut*, de 1983 – segundo os créditos, “Um réquiem para o sonho do pós-guerra, por Roger Waters, executado por Pink Floyd”. Logo depois, Waters manifestou a opinião de que, em termos criativos, a banda era “uma força esgotada”. Anunciou sua saída e admitiu que a história deles chegara ao fim. Pelo menos um relato desse período afirmava que as palavras de despedida de Waters a seus colegas foram: “Seus merdas – vocês nunca vão se dar bem”.

Para surpresa de Waters – e tendo como horizonte uma grande dose de disputa judicial –, Gilmour finalmente decidiu prolongar a vida da banda, criando seu próprio e genuíno álbum solo, *A Momentary Lapse of Reason*, de 1987, recrutando em seguida Mason e Wright – este como

músico contratado, e não um parceiro em condições de igualdade – para uma turnê mundial que fez o grupo quebrar recordes de receitas e se estabelecer como uma atração de lotar estádios. Em 1994, lançaram o segundo disco pós-Waters, *The Division Bell*, e deram início a uma imensa turnê mundial parcialmente patrocinada pela Volkswagen. “Não vejo razão para pedirmos desculpas por querer fazer música e ganhar dinheiro”, disse Gilmour. “É o que fazemos. Sempre tivemos intenção de alcançar o sucesso e tudo aquilo que o acompanha.”

Waters, observando a distância, não conseguia acreditar que o Pink Floyd agora era um grupo que se apresentava ao vivo com uma banda de oito músicos e cujo último álbum incluía canções creditadas a Gilmour e sua esposa, uma jornalista e escritora inglesa chamada Polly Samson. “Fiquei levemente irritado por eles conseguirem manter o nome”, disse em 2004. “Fiquei perturbado e um tanto desiludido porque a massa não conseguiu ver a porra da diferença... Bom, na verdade ela vê. Estou sendo indelicado. Existe um grande número de pessoas que consegue enxergar a diferença, mas havia também outras muitas que não conseguiam. Mas quando o segundo disco saiu... Bom, já tinham se tornado o Spinal Tap* àquela altura. Letras escritas pela nova esposa. E foram mesmo! Quero dizer, dá um tempo, porra! Qual é! E que ousadia: chamar *aquilo* de Pink Floyd. Era um disco horrroso.”

E foi assim que Gilmour e Waters chegaram ao impasse que definiu suas relações no início do século XXI. O resultado era bastante claro em 2003: um disco parcialmente baseado no desejo de ampliar a compreensão humana era promovido por dois homens que não se falavam há pelo menos 15 anos.

NA SEMANA EM QUE Waters chegou a Compass Point, David Gilmour – durante muito tempo chamado de Dave por amigos e parceiros, antes

* Banda imaginária lançada por um falso documentário que levou as pessoas a acreditarem que ela realmente existia. (N.T.)

de começar a insistir em ser tratado pelo nome completo, a certa altura dos anos 1990 – estava em casa, no condado inglês de Sussex, aparentemente envolvido em negociações a distância com seu velho amigo e colega. “Estamos em contato indireto”, explicou. “James Guthrie, nosso engenheiro de som, está remixando o álbum. Roger ouve o disco, eu ouço o disco, e ambos fazemos nossos comentários; graças a um intermediário, travamos nossas pequenas batalhas sobre como achamos que deve ser. Simplesmente não falo com Roger desde 1987, ou algo assim. Nem ele demonstra que queira falar comigo. Tudo bem.”

Gilmour respondeu a perguntas sobre *The Dark Side of the Moon* com sua reserva habitual, e tudo o que dizia era muito embalado numa espécie de modéstia planejada. O disco poderia ter figurado na lista dos nove ou dez álbuns que de certa forma vieram a definir o que é o rock (ou talvez o que costumava ser): *Highway 61 Revisited*, *Revolver*, *Pet Sounds*, *The Band*, *Led Zeppelin IV* e outros. Continuava, sem dúvida, a levar milhares de ouvintes ao êxtase absoluto. Mesmo assim, Gilmour ainda parecia surpreso com o que tinha acontecido. Quando perguntavam sobre suas lembranças da primeira audição do disco em sua totalidade, disse: “Não acho que algum de nós tivesse qualquer dúvida de que estávamos na direção desejada e que alcançávamos algo brilhante. Imagínávamos também que seria mais bem-sucedido em termos de crítica e vendas que tudo que havíamos feito antes... Sabia que estávamos subindo um degrau, mas ninguém pode prever tamanha longevidade e um sucesso comercial dessa natureza.”

Uma vez ou outra, ele se permitia soltar uma gargalhada com relação aos absurdos que acompanham um êxito tão grande. Havia uma gigantesca ironia, por exemplo, no fato de Roger Waters ter planejado que as letras de *Dark Side* fossem indiscutivelmente diretas e simples, apenas para ver todos os tipos de interpretações errôneas recaírem sobre elas, o que inclui a teoria esdrúxula, em circulação em meados dos

anos 1990, de que o álbum teria sido criado como trilha sonora secreta para *O mágico de Oz*. “Acho que Roger ficou farto de ver as pessoas interpretando tudo errado”, disse Gilmour. “Naqueles dias ele falava sempre em nos desmistificar. *The Dark Side of the Moon* foi feito para isso. Para ser simples e direto. Quando as cartas começaram a chegar aos montes, dizendo ‘isso significa determinada coisa e aquilo quer dizer não sei o quê’, foi um deus-nos-acuda. Mas com o passar dos anos você percebe que está preso a isso. E trinta anos depois você tem *O mágico de Oz* para lhe surpreender. Alguém me mostrou uma vez como funcionava, ou não funcionava. Como me senti? *Exausto*.”

Como se tornara obrigatório em suas entrevistas, Gilmour também refletiu sobre a química criativa que certa vez definiu sua relação com Waters e deu ímpeto à criação das melhores músicas do Pink Floyd. “Onde Roger nos faz falta”, disse em 1994, “é no seu empenho, sua capacidade de concentração, no brilho lírico – em muitas coisas. Mas não acho que alguém diria que *música* fosse o seu forte... Ele não é um grande músico.”

Nove anos depois, conservava o mesmo discurso: “Eu tinha uma noção muito maior de musicalidade que ele. Eu certamente conseguia cantar mais afinado [*risos*]. Então funcionou muito bem.”

Nas Bahamas, Roger Waters havia furiosamente esvaziado tal idéia. “Isto é *merda!* É claro que Dave precisa de um veículo para exibir o melhor de suas habilidades na guitarra. É um ótimo guitarrista. Mas a idéia, que ele tentou propagar ao longo dos anos, de que seria mais musical que eu é uma besteira sem cabimento. É uma idéia absurda, mas as pessoas parecem contentes em acreditar nisso.”

Fora isso, para o suposto e continuado aborrecimento de Waters, Gilmour ainda era o detentor efetivo da marca Pink Floyd. A última performance de David Gilmour sob esta bandeira foi em 29 de outubro de 1994, no ambiente carregado de eco do Earl’s Court Arena, em Londres. De forma poética, e ignorando descaradamente

a contínua ausência de seu arquiteto-chefe, a apresentação foi construída em torno de uma versão de *The Dark Side of the Moon*.

Ao falar sobre as possibilidades de novos álbuns ou apresentações do Pink Floyd, Gilmour parecia totalmente descomprometido. “No momento, é algo tão remoto na minha lista de prioridades que realmente não penso no assunto. Não tenho uma boa resposta para você quanto a isso. Prefiro fazer um álbum próprio e seguir adiante com outros projetos, por enquanto. Eu descartaria a possibilidade? Não completamente. A gente nunca sabe aonde a vaidade pode nos levar.”

EM JUNHO DE 2005 surgiram notícias tão improváveis que sem dúvida pareciam surreais. Após um período de duas décadas de desavenças, Roger Waters e David Gilmour anunciaram que participariam de uma reunião do Pink Floyd no concerto londrino do Live 8, um evento organizado para pressionar os líderes das nações mais ricas do mundo a adotar uma nova posição diante da África. “Como a maioria das pessoas, quero fazer tudo que possa para persuadir os líderes do G-8 a assumir grandes compromissos para aliviar a pobreza e aumentar a ajuda ao Terceiro Mundo”, dizia a declaração divulgada por Gilmour (que, segundo informações posteriores, se mostrara inicialmente muito relutante em participar). “Quaisquer rixas que Roger e a banda tiveram no passado são insignificantes nesse contexto. Se nossa reunião para esse concerto ajudar a chamar atenção, então valerá a pena.”

Enquanto isso, Waters divulgou um comunicado oficial que parecia uma nota um pouco mais gozadora do que sugeria sua reputação como um dos mais sofisticados intelectuais do rock. “É ótimo ser chamado para ajudar Bob [Geldof] a conscientizar a população mundial com relação às questões das dívidas e da pobreza do Terceiro Mundo. Os cínicos irão zombar. Que se danem! Além disso, ter a oportunidade de reunir a banda, nem que seja para algumas poucas canções, é um grande brinde.”

O retorno de Waters, ainda que temporário, parecia confirmar que o Pink Floyd que gerou *A Momentary Lapse of Reason* e *The Division Bell* não era o artigo genuíno, embora a declaração de Gilmour tenha vindo com um enfoque levemente diferente: “Roger Waters se juntará ao Pink Floyd para a apresentação no Live 8”, dizia a manchete da página oficial da banda na internet.

O show do grupo no Hyde Park de Londres – em que tocaram “Breathe/Breathe Reprise”, “Money”, “Wish You Were Here” e “Comfortably Numb” – foi um deleite, imbuído de equilíbrio e beleza que só aumentaram o impacto musical. As poucas palavras ditas à platéia serviram para sublinhar a improbabilidade da reunião e seu papel na labiríntica história da banda. “É realmente emocionante estar aqui com esses três caras depois de tantos anos”, disse Waters. “De qualquer maneira, fazemos isso por todos aqueles que não estão aqui, em particular, é claro, por Syd.”

A apresentação levou inevitavelmente às alturas o interesse pela música do Pink Floyd. Segundo um jornal britânico, no dia seguinte ao Live 8, as vendas da coletânea *Echoes* aumentaram em 1.343%. Especulações sobre uma reconciliação duradoura, no entanto, foram rapidamente desmentidas (apesar de todas as maravilhas, Gilmour disse que a experiência foi tão embaraçosa quanto “dormir com a ex-mulher”). Por ora, a história criativa do Pink Floyd permanece selada, há muito enrijecida num panorama de picos, vales e sucessos qualificados.

Tomando alguns exemplos ao acaso, *The Piper at the Gates of Dawn*, de 1967, é carinhosamente adorado por um devotado culto de fãs e descansa sob o semitrágico termo de uma aventura artística encerrada cedo demais; *Ummagumma*, de 1969, é apreciado apenas por discípulos incondicionais; *Wish You Were Here* freqüentemente parece ser tão idolatrado quanto *The Dark Side of the Moon*. *Animals*, de 1977, e *Meddle*, de 1971, são o tipo de álbum que aqueles que se colocam um pouco acima do consumidor médio de discos

habitualmente dizem ser subestimados e negligenciados. E quando *The Wall* entra na discussão, seus defensores gritam tão apaixonadamente que qualquer visão contrária é abafada.

Para realçar a visão de Waters sobre a história da banda, os dois álbuns guiados por Gilmour – e na ausência de Waters – hoje são raramente mencionados. A visão mais comum de seus méritos é que seriam “floydilites”, uma invenção que funcionou muito bem como forma de anunciar megaturnês milionárias, mas que dificilmente se equipara aos melhores trabalhos da banda. Dito isso, a idéia de que a maior parte do brilhantismo do Pink Floyd residia sobretudo na mente de Roger Waters foi minada por sua inexpressiva carreira solo, que começou em 1984, com *The Pros and Cons of Hitchhiking* – sintoma, apesar dos ocasionais vislumbres de brilhantismo, de que ele também está destinado a navegar à mercê da música que criou nos anos 1970.

O disco com o legado mais difícil de escapar é, sem dúvida, *The Dark Side of the Moon* – um álbum cuja reputação é enriquecida pela fascinante história de sua criação. Longe de ser gerado nas cercanias acolhedoras dos estúdios de gravação, foi um álbum que viveu no mundo exterior bem antes de ser registrado em fita: foi tocado durante seis meses para platéias de cidades norte-americanas e inglesas, casas de espetáculos européias e arenas japonesas, enquanto era editado, ampliado e aprimorado por um grupo que sabia estar a caminho de algo importante.

Mais interessante talvez seja o fato de se tratar de um disco povoado por fantasmas – principalmente o de Syd Barrett. Ao procurar lidar com o tema da loucura e questionar se a suposta insanidade de alguns indivíduos poderia ser equacionada com o nebuloso aparato emocional dos supostamente sãos, Roger Waters certamente revisitava um dos capítulos mais traumáticos da história do Pink Floyd, quando seu líder e principal compositor, impulsionado pelo excessivo consumo de drogas, separou-se de um grupo que parecia

ter poucas chances de sobreviver à sua partida. Mesmo quatro anos após a saída de Barrett, com álbuns como *A Sourceful of Secrets*, *Atom Heart Mother* e *Meddle*, a banda não conseguia escapar de sua sombra. Há algo particularmente fascinante no fato de que o álbum que permitiu que o Pink Floyd se libertasse tenha sido parcialmente inspirado no destino de Barrett.

À parte disso, *Dark Side* exibe uma música indiscutivelmente magistral. Poucos discos contêm tantos elementos de arrepiar: o instante em que o caos inicial de “Speak to Me” subitamente dá lugar à calma lânguida de “Breathe”; cada segundo de “The Great Gig in the Sky” e “Us and Them”; os seis minutos que começam com “Brain Damage” e chegam ao clímax de maneira espetacular com “Eclipse”.

Também não existem muitos exemplos de álbuns definidos por um conceito central que tenham se tornado tão duradouros. Outros grupos criaram ciclos de canções baseadas em lendas antigas, no crepúsculo do Império Britânico, em distopias futuristas e messias jogadores de *pinball*. O Pink Floyd, para seu reconhecimento eterno, optou por tratar de temas que, por suas características, iriam manter sua longevidade muito depois que o disco foi finalizado – e o elo da banda desfeito.

O fato de *Dark Side* ter acelerado esse processo apenas soma novos componentes à condenada aventura. “Com aquele álbum, o Pink Floyd alcançou seu sonho”, disse Roger Waters, enquanto a ligação telefônica pipocava e ele se preparava para voltar ao novo remix de *Dark Side*. “De certa forma, chegamos lá.”

Na Inglaterra, David Gilmour deu voz aos mesmos sentimentos: ainda que por um único tema, ele e seu desafeto pareciam unidos. “Depois daquele tipo de sucesso você tem de olhar tudo e considerar o que aquilo significou para você e o que se deve esperar: chega então àquele estranho impasse em que não se tem certeza de mais nada. É fantástico, mas ao mesmo tempo você começa a pensar: ‘Que diabo vamos fazer *agora*?’”



David Gilmour junta-se à nova formação do Pink Floyd como quinteto, em janeiro de 1968. Da esquerda para a direita: Syd Barrett, David Gilmour, Rick Wright, Nick Mason e Roger Waters (abaixado).